



Revista Eletrônica Peregrino da Esperança

Volume 1 – Número 2 - 2025



A Senhora do Tepeyac

No alto da colina, o silêncio floresceu,
e o céu, em véu de ouro, sobre a terra desceu.
Entre rochedos frios, um canto se elevou,
e uma mulher vestida de sol o mundo iluminou.

Seu manto — constelação de estrelas serenas,
seu rosto — ternura de Mãe que acalma as penas.
Falava ao coração, mais do que à razão,
com voz que é brisa, promessa e oração.

*“Juan Diego, pequeno e fiel mensageiro,
sou tua Mãe, o teu abrigo verdadeiro.
Leva ao povo o sinal do amor divino,
neste manto guardo o destino.”*

E as flores de Castela, em pleno inverno,
brotaram vivas, num gesto eterno.
Guadalupe brilhou no tecido sagrado,
o céu e a terra, enfim, abraçados.

Desde então, em cada olhar sofrido,
Ela é consolo, ternura e sentido.
Mãe das Américas, Rainha do Amor,
em teu sim floresceu o Salvador. 

Maria Bernadete Miranda



Reflexão e Espiritualidade da Devoção

A devoção a Nossa Senhora de Guadalupe é, em sua essência, um acontecimento de encarnação: Deus fez-se próximo por meio da Mãe que se apresenta ao seu povo com ternura visível. A aparição mariana no Tepeyac, em 1531, não é apenas um episódio pitoresco da história religiosa do México; é, antes, uma verdadeira epifania da misericórdia divina que assume a linguagem, o rosto e os símbolos de um povo ferido e despossuído, mostrando que o plano de salvação se desdobra também nas periferias da história humana. Quando a Virgem aparece a Juan Diego como “mãe” — e o faz falando na sua língua —, Ela proclama que o Evangelho não é uma doutrina estrangeira imposta de fora, mas uma novidade que acolhe as culturas, transforma a memória e redime as feridas do passado.

Theologicamente, Guadalupe é um ícone da Encarnação retomado: a Mãe que traz no manto a imagem do Filho é a presença do Deus que se fez homem para assumir definitivamente o destino dos homens. A iconografia do manto — as cores, as estrelas, a posição das mãos, o cinto que indica gravidez — fala uma teologia singela e profunda: Deus não veio sozinho; veio por meio de uma mulher que acolheu, generosamente, o mistério de salvar.

A espiritualidade guadalupana é, portanto, profundamente encarnada. Ela não busca retirar-se da história; abraça-a. A Senhora de Guadalupe assume traços humanos e culturais — morenidade, traje, fala — e assim confirma que o rosto de Deus é visto em rostos reais e historicamente situados. Este caráter encarnacional convida a uma piedade que respeita e transforma as culturas, que não anula identidades, mas as eleva pela graça. É uma espiritualidade que enseja diálogo entre fé e cultura: a liturgia, a devoção popular, as músicas, as festas, os ritos se convertem em vias autênticas de encontro com o Criador quando animadas por fé e acolhidas pela Igreja.

No plano moral e pastoral, Guadalupe aponta para a opção preferencial pelos pequenos. A escolha de Juan Diego — um homem simples, doente, indígena — revela que Deus privilegia os pequenos como canal de sua revelação. A Mãe que diz *“Não estou eu aqui, que sou tua Mãe?”* oferece consolo e dignidade aos que foram humilhados pela história da colonização, das injustiças e das desigualdades. Por isso, a espiritualidade guadalupana é também uma teologia da esperança social: mover-se sob o manto de Maria implica comprometer-se com os pobres, defender a vida e construir comunidades fraternas. O sinal das rosas e o milagre do manto lembram que a beleza da criação pode selar um novo pacto de paz entre povos.

Guadalupe tem também um caráter ecumênico e inter-religioso: ao assumir os símbolos do povo originário, Maria aparece como ponte entre mundos, convidando à reconciliação cultural e ao respeito



mútuo. A devoção, longe de ser elemento de fechamento identitário, torna-se caminho de abertura: quem venerar Guadalupe é chamado a reconhecer o valor do outro, a proteger as culturas e a trabalhar pela harmonia social. Neste sentido, a Senhora das Américas torna-se modelo de hospitalidade: sua casa é espaço onde todos são acolhidos e onde a diferença é lugar de graça.

Para a espiritualidade pessoal, Guadalupe ensina a oração simples e confiante. A oração guadalupana não é elaborada por fórmulas sofisticadas; ela brota do coração ferido que busca consolo. A feitura do sinal da cruz diante do manto, as jaculatórias repetidas, o caminhar em romaria, o deixar flores — tudo isso é linguagem de um povo que ora com a corporalidade e com a memória. A devoção guadalupana recorda que o cristianismo é mistério vivido, não mero sistema mental: ponto de encontro entre olhar e olhar, entre gesto e gesto, onde a mão que acaricia o manto reata laços de humanidade.

No itinerário do peregrino, Guadalupe é companheira de estrada. Quem caminha rumo a um santuário ou percorre os caminhos interiores encontra nela uma Mãe que caminha à frente e que recebe as oferendas mais humildes: o suspiro, a lágrima, a rosa ofertada. A presença de Maria em Guadalupe auxilia o peregrino a reconhecer que a verdadeira meta não é um lugar geográfico somente, mas uma transformação do coração: a conversão de quem caminha para amar mais, servir mais e perdoar mais. Assim, a devoção guadalupana alimenta a espiritualidade do viajante como disciplina de fé: jejum, súplica, ação de graças e, sobretudo, compromisso com o bem comum.

Finalmente, do ponto de vista sacramental e eclesial, Guadalupe reforça o papel da Mãe no seio da Igreja. A Igreja, mãe e mestra, encontra em Maria um espelho de ternura e de missão. O magistério recente reconheceu em Guadalupe um auxílio extraordinário à evangelização, sobretudo nas Américas, apontando-a como Estrela que orienta a caminhada pastoral para a promoção da justiça e da vida. A devoção, quando integrada à vida sacramental, enriquece a caridade pastoral: os frutos de Guadalupe são comunidades mais atentas aos pobres, históricas de conversão social e servidores da paz.

Em síntese, a espiritualidade da devoção a Nossa Senhora de Guadalupe é chamada à encarnação do Evangelho: acolher o outro, lutar pela dignidade dos oprimidos, rezar com o corpo e transformar a história com gestos de ternura. É a esperança que floresce nas pedras frias do Tepeyac e se espalha como convite: não caminhemos sozinhos; deixemos que a Mãe nos cubra com seu manto e nos ensine a amar segundo o coração de Deus.



Oração à Nossa Senhora de Guadalupe A Mãe que Faz Florescer a Esperança

Santa Maria de Guadalupe,

Mãe do verdadeiro Deus por quem vivemos,

olha com ternura para os teus filhos dispersos pelos caminhos da terra.

Tu que apareceste no Tepeyac como sinal de esperança e consolo para os humildes,
acolhe-nos também sob o teu manto sagrado, onde encontramos refúgio, paz e amor.

Virgem Morena, tu que falaste na língua simples de Juan Diego,
ensina-nos a escutar a voz de Deus no silêncio do coração.

Faz-nos compreender que o Evangelho floresce quando acolhemos os pobres,
os esquecidos e os pequenos, pois neles se revela o rosto luminoso do teu Filho Jesus.

Mãe compassiva, tu que transformaste a dor de um povo em cântico de fé,
renova em nós a confiança nas promessas do Senhor.

Quando o medo e o desânimo nos visitarem, recorda-nos tuas palavras:

“Não estou eu aqui, que sou tua Mãe?”

E que, ao lembrar disso, todas as lágrimas se tornem orvalho de esperança.

Senhora das Américas, guia os nossos passos pelos caminhos da justiça e da fraternidade.
Inspira-nos a defender a vida, a proteger a criação, a servir com alegria e a construir a paz.

Que o teu manto de estrelas abrace os povos de todas as nações,
e faça resplandecer sobre nós a luz do Cristo, Sol nascente da eternidade.

Nossa Senhora de Guadalupe, Rainha dos peregrinos e Mãe das misericórdias,
conduze-nos ao Teu Filho Jesus, para que, com Ele, possamos transformar o mundo
em um jardim de amor, fé e compaixão. Amém. 



Peregrino da Esperança